



Editorial

A edição da revista *Significação* que fecha o ano de 2016 recebeu colaborações para uma chamada de temas livres. Os artigos recebidos apontam perspectivas analíticas da atividade audiovisual que não só articulam diferentes ângulos e funcionamentos da produção no contexto contemporâneo, como também insinuam uma questão que parece inquietar a todos e que pode ser sintetizada aqui na pergunta: Qual é o escopo da análise fílmica? Tal questão aparece tanto nos artigos teóricos quanto nos trabalhos de análise fílmica que medem esforços para averiguar a trama de relações complexas. Também as resenhas apresentam aspectos a serem considerados neste sentido.

O argumento que nos levou a tal aproximação não poderia ser outro senão a centralidade da imagem no mundo contemporâneo. Esse é o caso dos estudos sobre a imagem como forma de pensamento que Cezar Migliorin e Eliana Barroso desenvolvem em seu artigo *Pedagogias da imagem: montagem*. Tomando a ideia de participação que vem desde o cinema russo dos anos 20, o artigo acompanha os desdobramentos do exercício de montagem no pensamento teórico centrado na sensibilidade e na percepção da imagem como forma de conhecimento do mundo e, portanto, a demandar um certo modo de aprendizagem.

Se é inegável o papel da história na construção do conhecimento em diferentes campos e saberes é impossível ignorar a história das imagens como articuladoras do pensamento que constrói o cinema. No artigo *Por uma arqueologia crítica das imagens em Aby Warburg, André Malraux e Jean-Luc Godard*, Gabriela Almeida evoca a própria noção de montagem de temporalidades como tónus dessa história. A base comparativa aqui não são os filmes, mas as teorias e os procedimentos construtivos tornados articulações de um aprendizado.

No artigo *Mulheres atrás das câmeras: a presença feminina na direção de fotografia de longas-metragens ficcionais brasileiros*, Marina Tedesco elabora um outro tipo de pensamento sobre o fazer cinematográfico. Nele a atividade de produção de imagens por uma mulher, e não mais pelo *cameraman*, é problematizada uma



vez que a presença do corpo feminino traduz uma nova instância: a mulher como categoria política capaz de reverter posicionamentos e questionar concepções estigmatizadas.

Esse é o caso explorado também no artigo *O rosto e a voz como inscrições do sofrimento em dois road movies*, em que Gustavo Silva explora os filmes de estrada como modo de ampliar o horizonte perceptual, ao mesmo tempo em que deixa aflorar emoções. Para isso, a composição audiovisual é examinada pela montagem de *closes* e inserções musicais a revelar o poder sensorial e estético da câmera. Os planos do sofrimento dramatizado no rosto e na voz dos personagens masculinos e nas músicas são dominados pela polifonia de sua audiovisualidade.

Uma inserção importante: a plasticidade do rosto do ator no cinema abriu todo um campo de investigação que Pedro Guimarães procura sistematizar no seu artigo *No rosto, lê-se o homem: a fisiognomia no cinema*. Além de situar historicamente na arte e na ciência uma trajetória do estudo de fisiognomia, exemplos clássicos do cinema e os procedimentos mais relevantes são examinados numa análise comparativa que mobiliza um conjunto variado de filmes.

Concentremo-nos agora na voz sem o rosto mas não sem o corpo, tal como numa montagem metonímica proposta por Henrique Codato em *O Corpo e a Voz no Cinema Contemporâneo: reflexões sobre o filme Ela (Her, 2013), de Spike Jonze*. Graças ao jogo acusmático o romance cibernético de emissões computadorizadas torna-se espaço de problematização do corpo e da presença, do visível e do invisível na cena audiovisual contemporânea.

O trânsito entre o interior e o exterior constitui uma atividade que o cinema explora não apenas tematicamente como também nos gêneros que pratica. Esse é o assunto do artigo *Cenas em Jogo: a exacerbação da ambiguidade* em que Renato Tardivo serve-se do filme de Eduardo Coutinho para examinar atuações que colocam em confronto a montagem dos conflitos pessoais. Se aqui se trata de examinar a ficcionalidade do documentário, no artigo *O povo ao redor ou o povo intruso de O som ao redor*, de Alessandra Brandão e Júlio Alves da Luz, ocorre o contrário: a ficção abre espaço para o documentário. A mobilidade, contudo, não se limita ao gênero mas reproduz o andamento temático em que personagens secundários se deslocam para explicitar o protagonismo de sua *dé-*



marche no engajamento de causas sociais e políticas, tramadas na invisibilidade de seus papéis.

O embate dos gêneros tramado em filmes cujo público alvo sejam os adolescentes é o que orienta a discussão em *A nostalgia dos anos 1950 no cinema norte-americano dos anos 1980: os casos de De volta para o futuro e Veludo azul*, de Laura Loguercio Cánepa e Rogério Ferraraz. Com base numa ampla filmografia, a análise comparativa examina como a nostalgia se materializa e atualiza formas audiovisuais cujo objetivo seja testar a potência sensorial da expressão imagética. Trata-se de uma demanda do mundo do consumo ao qual os produtos audiovisuais se vinculam. Nesse contexto, o artigo *Os visual studies e uma proposta de análise para a as (tele)visualidades*, de Simone Maria Rocha, procura examinar nos regimes de visualidade da televisão o comportamento de formas expressivas desenvolve. Até onde é lícito supor, a problemática do gênero, atualizada pelo cinema e pela televisão, explora uma dinâmica de relações que consagra o tão aclamado seriado televisual que, no Brasil, se desenvolveu a partir da telenovela. Tal é o entrecruzamento apresentado por Anna Maria Balogh em *La presencia del noir en las series televisivas policíacas brasileñas*. Além de aprofundar relações, o estudo dos gêneros assim proposto acompanha a escalada dos produtos audiovisuais que não pode ser ignorada quando se trata de entender o escopo do papel do cinema na trama de conjugações inusitadas. Este é o caso dos vídeos publicitários que experimentam linguagem como apresentado no artigo *O discurso da participação: um estudo da performance de imersão em anúncios publicitários*, Elizabeth Gonçalves e Gustavo Zanini.

Ainda que as inovações tecnológicas criem possibilidades que sem dúvida contribuem para o aperfeiçoamento das formas expressivas, a consciência de que o uso dos meios não pode ser submissão mas questionamento e resistência é o legado que Raymond Williams construiu com sua obra seminal agora traduzida no Brasil e resenhada no artigo *Televisão: tecnologia e forma cultural – Dos usos e efeitos planejados aos usos e efeitos imprevistos*, de Jaqueline Esther Schiavoni.

Resistência é algo que o cinema nunca deixou de praticar, sobretudo quando se tem a possibilidade de acompanhar trajetórias de filmes como apresentada na resenha *Las rupturas del 68 en el cine de América Latina, coordenação de Mariano Mestman*, de Ca-



rolina Amaral de Aguiar. O exercício desenvolvido entre cinema experimental e narrativo marca a cinematografia examinada por Mariano Mestman no calor do filme contestatório.

Se iniciamos a apreciação geral dos artigos que compõem essa edição com a ideia de que existe uma preocupação marcante com o escopo do cinema como marco da cultura audiovisual, a resenha sobre o livro de José Inacio de Melo Sousa nos apresenta um forte argumento. Em *O cinema na cidade em eclosão: Salas de cinema e história urbana de São Paulo (1895-1930)*, de José Inacio de Melo Souza, Danielle Crepaldi Carvalho situa a importância da relação entre o cinema e a cidade na construção do nicho histórico gerador do meio.

Se os colaboradores nos ofereceram os artigos, a revista *Significação* deixa aqui uma premissa que possa orientar a leitura construtiva de todos. Para que a reflexão sobre o escopo, não apenas do cinema mas da produção audiovisual, continue a revista conta com novas contribuições no ano que está prestes a nascer.

Boa leitura!

Eduardo Morettin

Irene Machado